

mação com esses e outros fenômenos é cuidadosamente descrita pelos autores, mas interessa-nos mais as aproximações entre o espiritismo e a educação de que o livro dá pistas e que pode suscitar uma pesquisa muito interessante. O que é novo no "espiritismo, que é uma idéia moderna às mutações sociais e técnicas do século XIX, é que uma forma particular de comunicação com o além vai ser erigida em sistema e ser mesmo o pivot de uma doutrina. Tal é com efeito o espiritismo: a doutrina fundada sobre os estudos dos ensinamentos dos próprios espíritos que, a partir dos anos 1847, enviarão, de todos os pontos do globo, sem cessar, mensagens aos homens." A meu ver por aí se podem investigar as intrincadas relações entre espiritismo e educação.

Qualquer pessoa que já tenha estado em uma sessão espírita (e entre nós é difícil achar quem não tenha nenhuma noção do que ali se passa) saberá que a comunicação e a doutrinação são os pontos fortes. Há uma hierarquização dos espíritos - superiores e inferiores - e uma maneira de ser promovido de um estágio a outro. Ora, essa maneira se baseia, e quase que só, na educação. Aliás, todos os passos que serão dados no funcionamento e na teoria. Por exemplo, se se nasce com um potencial mediúnico, é através de educação que se chegará a ser médium; não se é um "espírito de luz", aprende-se a sê-lo; não se deixa de ser um "espírito de trevas" senão aceitando passar por uma longa doutrinação educativa. Alguém estará encarregado, dentro daquele círculo de trabalho, de promover esse bem geral, e essa pessoa não é o médium, que no limite faz a intermediação entre os espíritos e os seres humanos, "encarnados", mas o dirigente, que se incumbe também da educa-

ção dos vivos, isto é, preparando-os para serem bons e boas espíritas ou espíritos.

A produção espírita é fantástica, para uma religião que esteve clandestina durante tantos anos, em um País de analfabetos: até o primeiro trimestre de 1987, para 7000 exemplares do Evangelho segundo o Espiritismo, em francês, a Federação Espírita Brasileira oferece a surpreendente cifra de dois milhões de exemplares, em 96 edições. Há outros dados igualmente reveladores e que podem fazer pensar aqueles que se preocupam com a leitura e sua possibilidade e difusão no País. No capítulo em que estão esses dados, Difusão da doutrina e obras sociais. (p. 194), os autores centram sua explicação para o título dado ao trabalho. Atualmente, o centro do desenvolvimento do espiritismo é o livro, e não a mesa - mesmo se se reúne em torno de uma - ou os copos faltantes. Pode-se pensar na importância da Bíblia em outros tempos, e mesmo hoje, para o desenvolvimento das religiões evangélicas, como forte instrumento de ascensão social e acesso a um certo saber.

O assunto é mais sério e mais intrigante do que uma resenha comporta. Ficarão surpreendidos em ver nomes de socialistas, cientistas, positivistas envolvidos com essa forma de educar humanos e não humanos, com essa forma de esperança e de ilusão partilhada por tantos brasileiros. O livro deverá estar brevemente traduzido; acompanhem o noticiário editorial e não percam!

*Eliane Marta Teixeira Lopes
Profª do Departamento de Ciências
Aplicadas à Educação - FAE/UFMG*

Catolicismo e sociedade no Brasil

SANCHIS, Pierre (Org.) Catolicismo no Brasil Atual.
São Paulo; edições Loyola 1992 (3.v)

Em além do Bem e do Mal, de 1882, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, afogado por sua vibrante energia e assentado nos ideais que tinham na razão o seu fundamento existencial, cunhava uma expressão para caracterizar um período da história da humanidade que, segundo ele, embora estivessem os homens em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, apontava para uma desconcertante abundância de possibilidades. A expressão era a "morte de Deus" e as possibilidades eram aquelas derivadas do racionalismo característico da sociedade moderna.

Um século depois, em meio a um "caos" talvez mais desordenado do que aquele do tempo de Nietzsche, Gilles Kepel (KEPEL, 1991). Professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, cunhou a expressão "A Revanche de Deus" para intitular um ensaio sobre a retomada do espírito místico pela humanidade. Segundo

ele, os movimentos religiosos aparecem como portadores das certezas porque se referem a algo que parece estar acima das flutuações das dúvidas humanas. Nessa medida, os Evangelhos, o Corão, por serem provenientes de uma fonte que foge à angústia são o refúgio das pessoas em momentos de crise.

Se Nietzsche estivesse vivo, possivelmente se justificasse, dizendo que entre tantas possibilidades, algumas poderiam se abrir, inclusive, ao "retorno" dos ideais religiosos. Mas o filósofo ficaria certamente desconcertado se visse a que ponto chegou a revanche, talvez não de Deus, como disse Kepel, mas dos próprios homens, que não têm a que se agarrar dentro desse caos.

A onda místico-religiosa que atinge a humanidade do fim do século XX, seja o fundamentalismo islâmico que, como um turbilhão fervoroso, volve multidões inteiras em direção aos seus

Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER

Catolicismo: Modernidade e tradição

Pierre Sanchis
(org.)

centros religiosos no oriente, seja o surgimento desenfreado de seitas protestantes oriundas do cristianismo que, com fervor não menos considerável, entorpece outras multidões através de curas e milagres, ou a pentecostalização da Igreja Católica, através da incontestável ampliação da conservadora corrente carismática, parece não deixar margem à dúvidas de que o racionalismo científico não conseguiu dar respostas satisfatórias e dúvidas e questões muito elementares com as quais defronta a espécie humana. As tentativas de se estabelecer uma nova espécie de homem - "o homem do amanhã e do dia depois de amanhã" (NIETZSCHE) - com os "novos valores" dos quais o homem e a mulher modernos necessitariam para abri seus caminhos em meio aos caos em que vivem despedaçaram-se no ar tão violentamente quanto a era da certeza que caracterizou e inebriou a mente de tantos homens bem intencionados a partir de meados do século XIX.

Hoje a crítica aos movimentos religiosos aponta as mesmas características que Marx, Nietzsche e outros apontavam, mas a prudência nos adverte que, antes de dizer o que deveria ser - uma sociedade sem mecanismos simbólicos de violência e exploração - que seja dito o que são: as formas dissimuladas de violência e exploração. Ou ainda, que seja dito, no limite, como instituições tão vigorosas moldam o comportamento de milhões de pessoas em todo o mundo.

Mas, percebe-se também, no interior de algumas dessas instituições, formas de manifestação religiosa que se situam fora da caracterização geral de que toda religião constitui uma forma de

exploração. Os fundamentos nos quais se sustentam essas formas de manifestação incorporam a crítica à ordem exploradora, o que permitiu a constituição de uma ética "nova", portadora de uma moral que se assenta no princípio libertador, não apenas espiritual, mas também material.

Tendo incorporado o referencial de análise da crítica marxista ao sistema capitalista, a corrente teológica que daí surgiu levou seus idealizadores e divulgadores católicos a falarem numa **Teologia da Libertação**. Para uns ela é, de fato, libertadora, enquanto para outros, ela é somente uma forma ainda mais dissimulada de exploração. Para os cientistas sociais de todos os matizes, entretanto, tudo isso tem se constituído num dos mais atraentes e complexos temas de investigação. Possivelmente o único ponto consensual dentro desse universo é que o fervor religioso está a exigir cada vez mais o olhar das Ciências Sociais e Humanas, quando menos por estar sendo a religiosidade um dos principais motivadores das utopias e/ou das perspectivas construtivas de boa parte da humanidade.

E nesse sentido que o Grupo de Estudos do Catolicismo (GEC) do Instituto Superior de Estudos Religiosos (ISER), coordenado pelo Professor Pierre Sanchis, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, coloca à disposição da comunidade acadêmica e dos agentes de pastoral talvez o mais denso e atualizado estudo sobre o **catolicismo no Brasil**.

Dividia em três volumes - **Catolicismo: Modernidade e Tradição**; **Catolicismo: Cotidiano e Movimentos**; **Catolicismo: Unidade Religiosa e Pluralismo Cultural** - e o totalizando 869 páginas, a coletânea aborda as mais diversas facetas do que é "ser católico" no Brasil. No primeiro volume, além da magnífica introdução feita pelo organizador, estão os textos que analisam a estrutura institucional da Igreja Católica, abortando sua organização e conflitos, e os textos sobre as escolas, as editoras e os seminários católicos. No segundo, estão os estudos que abortam o "conteúdo ideológico", a elaboração conflituosa dos princípios norteadores da prática católica, em especial a da ala progressista da Igreja, sua relação com os movimentos sociais e a nova **praxis** católica, de cuja reflexão nasceu a Teologia da Libertação. O terceiro volume traz os textos que tratam do "ser católico" dentro da diversidade cultural brasileira. Uma diversidade que vai do militantismo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ao conformismo da devoções santeiras, passando pela pajelança e pela umbanda, pela crença nas promessas e na caridade como formas de obtenção de recompensas. Aqui, desfecha-se de forma primorosa, a questão central que perpassa toda a obra: a articulação dialética entra a universidade católica e as profundas divisões, tanto no interior da Igreja quanto fora dela, divisões essas expressas na diferenciação cultural e nas classes em conflito. Ou, ainda, nas palavras de Sanches: "Nesta modalidade do 'ser-católico' da Igreja, onde, em que nível, em que direção e com que alcance, nela mesma e na sociedade, identificar reprodução e transformação, permanência e novidade?"

Finalmente, vale indicar que a coletânea é constituída de textos dos maiores expoentes da literatura sócio-antropológica da religião no Brasil, como Pedro Ribeiro de Oliveira, Rubem César Fernandes, Samyra Crespo, Paula Montero, Francisco Cartaxo Rolim, Carmem Cinira de Macedo, Carlos Rodrigues Brandão, Regina Novaes, Ana Maria Doimo, Ralph Della Cava, dentre outros. Vale a pena conferir.

João Valdir Alves de Souza
Professor do Departamento de Ciências
Aplicadas à Educação - FAE/UFMG